



Ajudante

Sebastião, 60 anos, era sempre solicitado para subir o Pico da Bandeira, o terceiro maior ponto culminante do país



Fotos de Carlos Abel Dutra

Espectadora

Maria, 76, que estava grávida na época, tinha medo de sair na rua, por isso assistia a tudo da janela de sua residência

Lembranças da guerrilha do Caparaó

O desejo de fazer uma revolução contra a ditadura motivou a guerrilha de 1966. Hoje sobram histórias sobre os aviões caídos, os russos e outros 'causos'

BRUNO ATHAYDE

Ibitirama - A Serra do Caparaó, com suas trilhas inacessíveis, grutas e cavernas escondidas, já foi palco de uma guerrilha, ocorrida de setembro de 1966 a março de 1967. Os 14 guerrilheiros, divididos em grupos denominados moscas-varejeiras, jacus e antas, acreditavam que na serra poderiam fazer uma revolução contra a ditadura. Em poucos meses, eles foram presos, e o que prometia ser um episódio marcante, tornou-se mais uma coleção de causos para os moradores da região contarem.

Segundo o produtor, que atualmente trabalha como condutor turístico, os oficiais ficaram de guarda durante uns dez dias na fazenda de seu pai. "Eles subiam e desciam a serra e, na estrada, costumavam prender alguém. Quando era gente nossa, eles soltavam, mas, se era estranha, dançava", afirma o condutor.

Para seu Agostinho, a convivência com os soldados era pacífica. Já com os

Mapa da guerrilha

Os 14 guerrilheiros treinados no Rio Grande do Sul acreditavam que, ficando embrenhados na mata, conseguiriam opor resistência ao regime militar iniciado em 1964

▲ Acampamentos

▲ ES

MANHUMIRIM

MG

Depósito

ros) costumava descer à noite para falar que tudo ia explodir. Já o Exército não. Quando a gente precisava de mantimentos e remédios, eles forneciam", afirma Sebastião. Tanto respeito é explicável. O pequeno distrito, de um município que ainda pertencia a Alegre, não possuía meios de comunicação. E os guerrilheiros falavam "russo" e viviam escondidos nas matas. Naquele tempo, o comunismo era temido por grande parte da população brasileira. E em Santa Marta

História mostra influência de Che Guevara

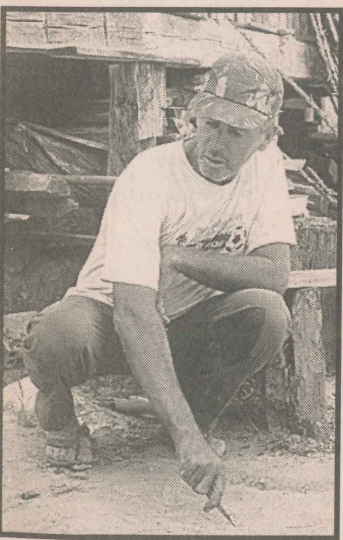
A guerrilha do Caparaó, como as outras deflagradas no país na época da ditadura, era essencialmente rural e tinha influências de Che Guevara e Mao Tsé-Tung. Para o professor de história e autor do livro "História do Espírito Santo", José Pontes Schayder, além da influência estrangeira

dos moscas-varejeiras, jacus e antas, acreditavam que na serra poderiam fazer uma revolução contra a ditadura. Em poucos meses, eles foram presos, e o que prometia ser um episódio marcante, tornou-se mais uma coleção de causos para os moradores da região contarem.

A população local, sem entender direito o que estava acontecendo, assistia de perto à chegada dos guerrilheiros e dos soldados do Exército e da Polícia Militar. Alguns eram chamados para guiar a mata adentro e outros acabavam necessitando de serviços médicos trazidos pelos oficiais. Apesar de intimidados pela quantidade de rifles, metralhadoras e fuzis, os moradores da região acabaram se tornando amigos de um dos lados e hoje sobram histórias sobre os aviões caídos, os russos e muitos outros "causos".

Relatos

O produtor rural Augusto Rocha, seu Agostinho, 50 anos, tinha apenas 15 quando os primeiros soldados começaram a chegar. Nascido em Santa Marta, distrito de Ibitirama, ele faz um relato fiel da guerrilha, além de saber onde estão escondidas armas e algumas munições. "Dentro do sítio do meu pai, tinha uma guarita, onde os oficiais montavam guarda. Naquela época, morávamos em Pedra Roxa (outro distrito de Ibitirama) e os soldados estavam todos os dias na casa do meu pai. Eles subiam com o jipe carregado de armas", conta seu Agostinho.



Seu Agostinho, 50, ajudou a caçar os guerrilheiros

da de seu pai. "Eles subiam e desciam a serra e, na estrada, costumavam prender alguém. Quando era gente nossa, eles soltavam, mas, se era estranha, dançava", afirma o condutor.

Para seu Agostinho, a convivência com os soldados era pacífica, já com os guerrilheiros não. "Eles chegaram e se esconderam na serra. E, quando desciam, ninguém entedia bem o que eles diziam. Parecia que falavam russo."

O condutor, que chegou a participar de uma expedição de caça aos guerrilheiros, hoje conta as histórias para os turistas que visitam a região. "Tem sempre alguém querendo saber como tudo aconteceu. Naquela época, eu ficava atrás de um cedro com os guardas, esperando chegar um guerrilheiro. E, às vezes, participava das sessões de tiros, que eles realizavam", comenta seu Agostinho.

Medo

Já a dona-de-casa Maria Miranda Alves, 76, que estava grávida na época, tinha medo de sair na rua. Ela conta que assistiu tudo da janela de sua residência. "Às vezes, vinha alguém contar alguma coisa. Mas uma vez eu precisei de médico e eles (os soldados) é que prestaram socorro."

A convivência com os soldados também foi amistosa para o comerciante Sebastião Carlos de Freitas, 60. Ele, que também necessitou dos serviços médicos dos oficiais na época, era sempre solicitado para subir o Pico da Bandeira, o terceiro maior ponto culminante do país e o primeiro da Mata Atlântica. "Quando os oficiais chegaram aqui, eles costumavam falar que nós éramos loucos, pois conseguíamos subir o pico sem problemas. Mas, depois, eles viram que era necessário que eles também subissem", explica o comerciante.

Naquele tempo, o medo era imperativo no pequeno distrito de Santa Marta, na época com quase mil habitantes. Hoje, com o dobro da população, a guerrilha é motivo de orgulho. Para eles, o fato de o Exército brasileiro ter ficado no "meio da população em geral" é motivo de muita alegria. "O pessoal que estava na mata (os guerrilhei-

Mapa da guerrilha

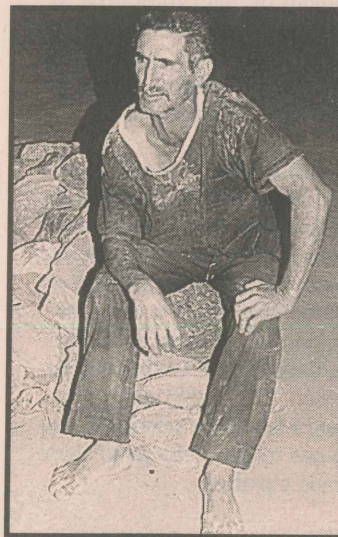
Os 14 guerrilheiros treinados no Rio Grande do Sul acreditavam que, ficando embrenhados na mata, conseguiriam opor resistência ao regime militar iniciado em 1964



MOVIMENTO

Regime militar motivou o ataque

Os ex-militares integrantes do Movimento Nacional Revolucionário (MNR) eram contra o regime militar de 1964. Enquanto eles adentravam mais nas matas, os soldados do Exército aumentavam em números assustadores. A rendição aconteceu no dia 30 de março de 1967, quando o último acampamento foi cercado e o grupo reunido diante do fogo. Cerca de 300 homens da Polícia Militar de Minas Gerais e Espírito Santo, além do Exército Brasileiro, participaram da operação de captura, sem disparar um tiro. A escolha pela Serra do Caparaó foi motivada por sucessivos fracassos dos militares em realizarem a guerrilha em Santa Catarina, na Serra do Mar, e porque a região do Caparaó estava distante dos aparelhos repressivos do Estado, além de ser um lugar ainda muito pouco explorado.



Deuzedino, 52, chegou até a apanhar dos ex-militares

placavei. O pequeno distrito, de um município que ainda pertencia a Alegre, não possuía meios de comunicação. E os guerrilheiros falavam "russo" e viviam escondidos nas matas. Naquele tempo, o comunismo era temido por grande parte da população brasileira. E em Santa Marta não seria diferente.

Avião

Outra parte da história é contada com detalhes pelo condutor turístico Deuzedino Rodrigues, 52. Ele, que chegou a guiar os guerrilheiros, conta que sofreu maus-tratos e chegou até a apanhar dos ex-militares. "Eu morava na Toca do São Jorge (local onde está a primeira trilha de acesso ao Pico da Bandeira) com a minha família. E os guerrilheiros tinham o costume de matar galinhas, patos e coelhos do nosso sítio para comer. Um dia eu resolvi cobrar e eles me bateram", conta seu Deuzedino.

Segundo ele, os guerrilheiros chegaram "procurando por raízes e saíram dizendo que a região ia explodir". Entre as armas vistas na época pelo condutor, as que mais chamavam atenção eram os mosquetões e os fuzis. "Além disso, tinham os aviões, que sobrevoavam a área todos os dias. Um deles caiu e está até hoje na região", relata seu Deuzedino, que sempre quando pode leva os turistas ao local onde estão os destroços do avião. Os aviões eram da Força Aérea Brasileira (FAB), sendo utilizados para sobrevoar os locais de difícil acesso e identificar o acampamento dos guerrilheiros.

A guerrilha do Caparaó, como as outras deflagradas no país na época da ditadura, era essencialmente rural e tinha influências de Che Guevara e Mao Tsé-Tung. Para o professor de história e autor do livro "História do Espírito Santo", José Pontes Schayder, além da influência estrangeira, as guerrilhas eram custeadas por Cuba, que recebia dinheiro da União Soviética.

"Os guerrilheiros seguiam a teoria do foquismo, de Che Guevara, que pregava que em todas as partes do mundo deveriam ocorrer focos para desestabilizar o capitalismo. Além disso, eles também tinham influências do maoísmo, já que se organizavam no campo, para depois chegar às cidades", explica Pontes.

O dinheiro vinha de fora, da União Soviética, que repassava para Cuba, que por sua vez entregava a um contato brasileiro. "Na época, a pessoa foi presa e o dinheiro não foi entregue. Por isso, os integrantes do movimento foram ficando sem mantimentos e remédios e acabaram adoecendo e tiveram que descer, dando oportunidade para o Exército de prendê-los", afirma o professor.

Controvérsia

Já Esther Kupernam, formada em história pela Universidade Federal Fluminense, explica que não houve guerrilha. Segundo ela, que desenvolveu em sua dissertação de mestrado um estudo de caso sobre o episódio, os guerrilheiros estavam apenas treinando quando foram presos. "Eles ficaram aqui durante todo o tempo treinando para realizar um confronto, mas foram presos", afirma a pesquisadora.

Uma das causas do fracasso da guerrilha, segundo ela, foi o isolamento dos ex-militares. "Diferentemente das outras guerrilhas, os participantes ficaram isolados até mesmo dos moradores locais", explica. Ainda de acordo com Esther, os guerrilheiros queriam uma aproximação com a população e não seriam capazes de praticar violência.

A pesquisadora disse ainda que existem dois livros sobre o episódio: "A guerrilha de Caparaó", de Gilson Rebello, e "A guerrilha do Caparaó", de Bayard Demaria Boyteux.